

QUANTO CUSTA UM SACCO DE MILHO?

PAULO CUBA
do Instituto Agronomico do Estado de
S. Paulo, em Campinas

Este é ainda um problema que muito nos interessa, porquanto o consumo desse cereal é imprescindível em todas as fazendas onde a principal alimentação dos muars de trabalho é o Milho em grão e a dos bovinos de trabalho é o "rastolho" ou as espigas desintegradas.

Dizemos ainda, porque o significado da palavra custo, lucro, preço, economia, tende a se modificar para melhor se collocar dentro da "efficiencia collectiva", isto é, ha tendencia para simplificar as engrenagens dos factores que distribuem as remunerações pelos diversos trabalhos de produção e transporte dos productos agricolas. Muitos productos agricolas de grande valor para a nossa população, porque estejam na actualidade debaixo de um controle industrial quasi individual, deixam de ser commerciaveis para a maioria dos lavradores que, no caso de algumas culturas, não conseguem obter no mercado preço superior ao do custo de produção.

Naturalmente, o custo da produção poderá ser sempre diminuido, uma vez que se escravise o braço agricola, abaixando os ordenados; que se escravise a terra, não a protegendo contra os males da erosão, infestação de hervas damninhas, queimadas, abandono, etc, e que se faça outrotanto aos animaes de trabalho, dando-lhes apenas pasto magro por alimentação! Mas estaremos, todos, de accordo com esse retrocesso á escravidão? Estará a Agricultura scientifica, — tão adeantada em todos os paizes, — propensa a cooperar para a escravisação dos homens, dos animaes e mesmo das proprias riquezas naturaes?

Desde 1930 que vimos mantendo na Fazenda Experimental de Santa Elisa, dependencia do Instituto Agronomico do Estado, em Campinas, 6 campos de 2 alqueires cada um, para o estudo do effeito das rotações e custo de producção de diversos productos agricolas. A cada campo (2 alqueires) corresponde uma ficha na qual são annotados todos os trabalhos diarios executados, desde a primeira aração até á colheita. Assim, no dia que colhemos e pesamos o Milho em espiga posto no paiol, podemos determinar o custo do Milho em espigas. A este custo se deve acrescentar o custo de desbulhar, se considerarmos o Milho ensaccado para a venda nos mercados. Mas a maior utilidade do Milho é o seu consumo nas fazendas, onde é conservado em espigas, sendo trabalhado ou desintegrado semanalmente.

Para simplificar, fizemos uma média das fichas das parcelas 1 e 3 (31-32) e 2-4 (30-31), portanto são dados obtidos em 4 annos consecutivos, tendo sido plantadas 2 parcelas de 4 alqueires cada anno. Damos a seguir o resumo :

RESUMO (MEDIA) DO CUSTO DE PRODUÇÃO EM 1 ALQUEIRE DE MILHO

Dados obtidos das fichas das PARCELLAS

1 e 5 (1931-1932) — (1932-1933)

2 e 4 (1930-1931) — (1932-1933)

São resultados, portanto de 2 parcelas (4 alqueires) por anno, durante quatro annos.

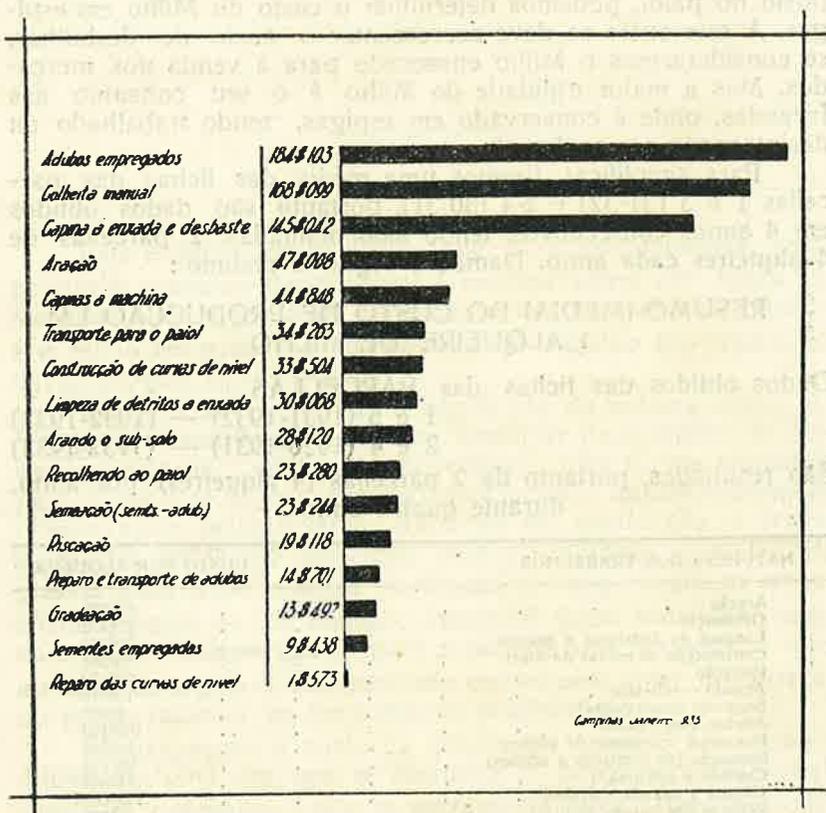
NATUREZA DOS TRABALHOS	CUSTO POR ALQUEIRE
Aração	47\$008
Gradeação	15\$492
Limpeza de detritos a enxada	30\$068
Construção de curvas de nivel	35\$504
Riscação	28\$120
Arando o sub-solo	19\$118
Sementes empregadas	9\$438
Adubos empregados	184\$103
Preparo e transporte de adubos	14\$701
Semeação (de sementes e adubos)	23\$244
Capinas e machina	448\$48
Capina a enxada e desbaste	145\$042
Reparos das curvas de nivel	1\$573
Colheita manual	168\$099
Transporte para o paiol	34\$263
Recolhimento ao paiol	23\$280
TOTAL	819\$901

PRODUÇÃO MEDIA POR ALQUEIRE 10,4 CARROS DE
12 SACCOS DE 60 KILOS

Custo medio de producção de 1 sacco de milho . . . 6\$600

Custo medio de 1 carro de milho 72\$200

O custo, portanto, na Fazenda Experimental de Santa Elisa, em Campinas, onde os operarios ganham 6\$000 por dia, em média, é de 6\$600, por sacco. Os fazendeiros que não poderem produzir milho por esse preço, é geralmente porque a producção por hectare é inferior a 8 carros por alqueire. Nestas condições, convem que esses lavradores se dirijam ao Instituto Agronomico, onde encontrarão dados que lhes poderão pro-



porcionar culturas productivas a esse preço. Por essa base, os lavradores poderão avaliar o quanto se deve pagar pelo milho de seus visinhos, lembrando se, entretanto, que é uma boa regra de eficiencia collectiva produzir ao menos o milho para o proprio consumo da fazenda.

Sendo o custo de um sacco de milho resultante da divisão do numero total de saccos produzidos pelo numero total

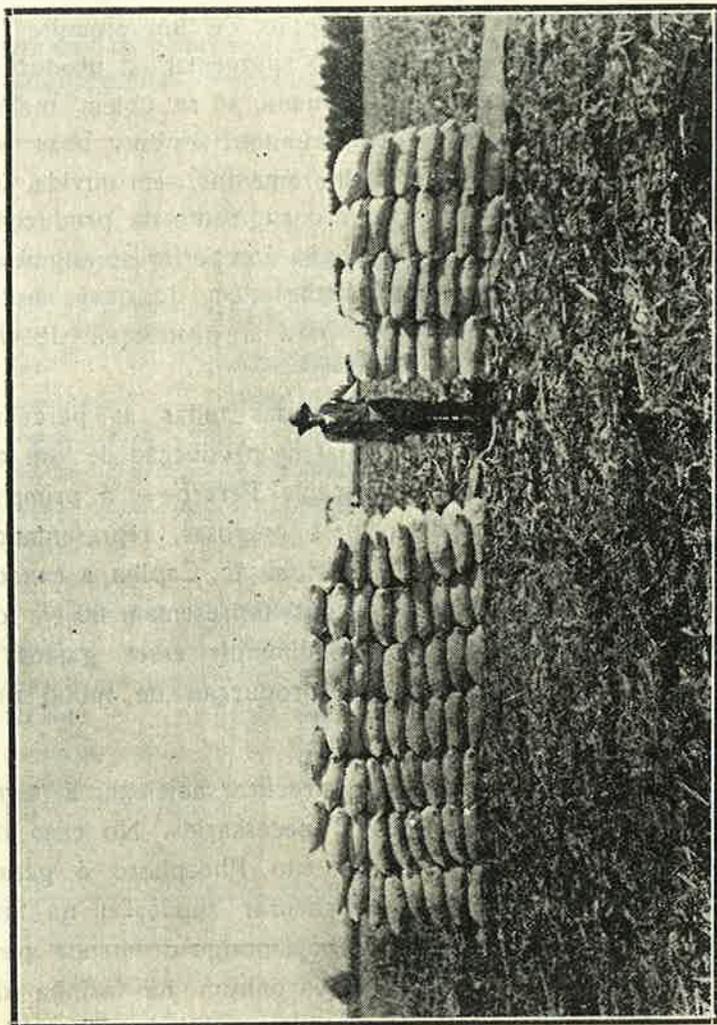
de réis dispendidos nessa producção, conclue-se que o custo de um sacco de milho pode ser reduzido, desde que se *diminuam os gastos e se eleve a producção.*

Nas condições normaes em nosso Estado, é geralmente difícil diminuir as deseças na producção de um alqueire de milho. E', entretanto, mais economico augmentar a producção por unidade de superficie. Esse augmento só se obtem melhorando os processos culturaes, empregando adubos, boas sementes, semeadeiras, etc. Esses melhoramentos, sem duvida, augmentarão as despesas, mas trazem o augmento da producção. O valor desse augmento de producção é superior ao augmento das despesas. Ha, entretanto, um limite além do qual não é economico augmentar as despesas para a producção de um alqueire de milho.

No graphico acima estão detalhadas todas as parcelas que entram na somma do custo total de producção de um alqueire de milho, em ordem decrescente. Percebe-se á primeira vista que tres parcelas são as mais onerosas, representando 60 % do custo total, a saber : — Adubação, Capina a enxada e Colheita. Essas tres parcelas juntas representam 60 % do custo total. E' de interesse procurar diminuir esses gastos o quanto possivel, sem prejudicar a producção de milho por alqueire.

- A) — Na adubação devemos procurar adicionar á terra unicamente os elementos necessarios. No caso da cultura do milho o elemento Phosphoro é geralmente o indispensavel. Procurar applical o na forma mais barata e onde haja perigo de menor perda, cujas condições se encontram na farinha de ossos. O Instituto Agronomico está hoje aparelhado para informar sobre adubações, assim como para fiscalisar as garantias dadas pelos vendedores de adubos.

B) — A principal razão das capinas a enxada é sempre a mesma — as terras são muito “praguejadas” deervas damninhas, porque são abandonadas du-



COM ADUBAÇÃO

60 saccos por hectare ou
12 carros por alqueire.

SEM ADUBAÇÃO

28 saccos por hectare ou
5,5 carros por alqueire.

rante o inverno ou, ás vezes, durante um ou dois annos com o fim de deixal-as descansar, o que não deixa de ser rasoavel em casos especiaes. E',

porém, mais economico cultivar-as todos os annos e passar a grade de discos uma ou duas vezes durante o inverno para destruir as hervas damninhas ou impedil-as de produzir sementes. O serviço de desbaste e chegar terra é relativamente pequeno e será ainda mais reduzido se for usada semente classificada por tamanho, a qual cahirá com regularidade da semeadeira no espaçamento certo.

- C) — COLHEITA — O processo mais economico é reunir o pessoal da fazenda, formando assim uma turma grande, e dar a cada um uma fileira de milho. Facilitar o transporte para evitar que o milho se amontoe na roça. Cada operario faz a colheita em jacá e deposita o milho directamente na carroça. Para o serviço de colheita é muito conveniente o systema de “serão”, aproveitando-se a ajuda dos visinhos. reciprocamente.

Porque, ás vezes, relutar em “riscar” ou não, antes da sementeação, em dar mais uma gradeação, em fazer curvas de nivel? Se esse detalhe concorre para augmentar a producção, com gastos relativamente pequenos, porque não pol-o em execução?

A construcção de curvas de nivel custa apenas 33\$500 por alqueire e é difficil se fazer uma idéa do quanto ellas são uteis, pelo facto de reterem as enxurradas, evitando, assim, as erosões com as quaes perdemos o que ha de bom na fertilidade de nossos solos. Sobre esse assunto, o Instituto Agronomico já publicou um folheto com todos pormenores sobre a construcção desses anteparos á desastrosa erosão.

Os demais gastos são indispensaveis e difficilmente poderão ser diminuidos.

Se o preço corrente for de 79\$200 por carro e houver terras disponiveis, o lavrador deve produzil-o para o consumo da fazenda ainda que o custo seja igual ao preço de venda, porque a terra não aproveitada é uma riqueza inutil como o ouro trancado na caixa forte. Ninguem ignora hoje que a cultura do milho é indispensavel, não sendo, entretanto, na maioria dos casos a cultura principal que seja vendavel.

Para um estudo mais completo, seria necessario o calculo dos juros do capital empregado na compra das terras. Não é necessario entrar em tantas minucias quando existe muita terra disponivel que representa capital empatado, mas que não produz cousa alguma, com o que se prova que a capacidade de producção é do braço agricola e não do capital.

As situações economicas locaes ou nacionaes são creadas por nós, como consequencia do desejo de auferirmos grandes lucros individuaes que só podem ser possiveis nas explorações em grande escala da Agricultura ou da industria.

Os municipios que melhor situação representam no Estado de São Paulo são os mais retalhados, onde o proprio lavrador é o braço agricola. Nestas condições existem boas estradas, visinhos proximos, é forte o pequeno commercio que é a propria vida da cidade, as pragas em geral são mais facilmente combateveis, o systema de cooperativas é viavel, etc. O nosso actual systema é bom, mas os abusos permittidos são a maior fraqueza desse systema. Agora é indispensavel nova estabilisação da vida rural para haver segurança do intercambio e do nosso padrão de vida. São Paulô tem tudo em Agricultura, porém lhe falta a distribuição scientifica. O Governo deveria facilitar a cada zona somente o incremento das culturas que nella encontrarem melhores condições de clima, solo e transporte.

Uma vez estabelecidas culturas homogeneas em zonas proprias, seria possivel a organização de cooperativas de compras de materiaes e venda de productos agricolas. Este é um meio já experimentado, de remunerar o productor proporcionalmente ao seu trabalho. Só é conveniente para o Estado de São Paulo, expoente da civilização brasileira, baixar o custo de um sacco de milho, augmentando a producção de saccos por alqueire. Esta tarefa de agricultura scientifica, está ao alcance do fazendeiro. De outra forma, baixar os salarios actuaes, seria forçar o nosso operario rural a passar da fome ao crime!

Janeiro, 1935.

Paulo Cuba